

ANTÓNIO PATRÍCIO

PEDRO, O CRU

PAISAGEM EDITORA
PORTO

ANTÓNIO PATRÍCIO



**PEDRO
O CRU**

DRAMA EM 4 ACTOS

PAISAGEM EDITORA, LDA.

DO AUTOR

Oceano (Versos)

O Fim (Historia dramatica em dois quadros)

Serão Inquieto (Contos)

Pedro o Crú (Drama em quatro actos).

A SEGUIR:

Diniz e Iza (Conto de Primavera em cinco actos)

A Divina Fol'a (Versos)

O Rei de Sempre (Drama em cinco actos).

Á

MEMORIA

DO MEU GRANDE AMIGO

JOSÉ MARIA DE ALPOIM

Com admiração e com saudade.

A. P.

DO AUTOR

João Maria de Almeida
Agradecimentos
Agradecimentos
Agradecimentos

3. A

ATÉ AO FIM DO MUNDO.

(Na rosacea do tumulo de D. Pedro, em Alcobaca.)

Quando Pedro, rei de Portugal, morreu em 1363, a sua esposa, a rainha D. Leonor, ficou viúva e com três filhos pequenos. O mais velho, D. Fernando, tinha apenas dois anos de idade. A regência ficou a cargo de D. Leonor, que se tornou uma das grandes figuras da história portuguesa.

Em 1383, D. Fernando morreu sem deixar herdeiros. A regência passou para D. Leonor, que se tornou rainha de Portugal. Este foi o início da dinastia de Avis.

D. Leonor foi uma rainha muito forte e corajosa. Ela conseguiu manter a unidade do reino e preparar Portugal para a expansão marítima que se iniciaria no século XV.

D. Leonor morreu em 1388, deixando o reino para o seu filho, D. João I. Este foi o primeiro rei da dinastia de Avis. Ele foi um grande rei, que conseguiu unificar o reino e preparar Portugal para a expansão marítima.

D. João I morreu em 1433, deixando o reino para o seu filho, D. Duarte. Este foi o segundo rei da dinastia de Avis. Ele foi um grande rei, que conseguiu unificar o reino e preparar Portugal para a expansão marítima.

D. Duarte morreu em 1438, deixando o reino para o seu filho, D. Afonso V. Este foi o terceiro rei da dinastia de Avis. Ele foi um grande rei, que conseguiu unificar o reino e preparar Portugal para a expansão marítima.

D. Afonso V morreu em 1482, deixando o reino para o seu filho, D. João III. Este foi o quarto rei da dinastia de Avis. Ele foi um grande rei, que conseguiu unificar o reino e preparar Portugal para a expansão marítima.

Antônio Patrício nasceu no Porto, a 7 de Março de 1878 e veio a morrer em Macau a 4 de Junho de 1930. Terminados os estudos liceais, frequenta durante três anos a Academia do Porto, onde cursa Matemáticas, que abandona, para em Lisboa entrar na Escola Naval.

Com a idade de 22 anos, regressa à sua cidade natal e ali matricula-se na Escola Médica, vindo a tornar-se médico no ano de 1908.

Após a proclamação da República, deixa a Medicina e dedica-se então à vida diplomática, para o que, certamente, muito contribuíram os conselhos de Guerra Junqueiro, que lhe dedicava grande simpatia e amizade.

Nomeado já, em 1911, como cônsul de Portugal em Cantão, não partiu logo, por ter sido incumbido nessa ocasião de ir desempenhar uma delicada missão, no vice-consulado da Corunha..

Aqui, conseguiu impedir que incursões monárquicas, chefiadas por Paiva Couceiro, embarcassem armas, com destino a Chaves, que nesta altura colocavam em perigo a jovem e frágil República. Cumprido com tal êxito este seu primeiro trabalho, no campo da diplomacia, segue então para Cantão, onde permanece até fins de 1913. Do Oriente é transferido para Manaus, mas no ano de 1914, já se encontrava colocado em Brema.

Quando a guerra de 1914-1918 rebenta, Antônio Patrício, ao contrário do que então sucedeu com Sidónio Pais ministro plenipotenciário em Berlim, que conseguiu deixar a Alemanha sem problemas e incómodos, ficou detido e abandonado durante três anos na companhia de um pequeno núcleo de portugueses.

Seguiu depois para Atenas, e, mais tarde para Constantinopla, sendo durante a permanência nesta cidade, promovido a Ministro plenipotenciário.

Aperece-nos depois em Caracas (Venezuela), donde regressa à Europa, ao extinguir-se esta delegação naquele país sul-americano.

Desta vez, tem como destino Londres, onde aparece como auxiliar de Norton de Matos numa missão especial.

Passado cerca de um ano, regressa a Lisboa, onde se manteve, até que em 1930, foi nomeado ministro em Pequim.

Já doente, parte de Portugal para o seu novo posto.

Desejando falar-lhe o governador de Macau, desloca-se àquele nosso território, onde a morte o veio surpreender.

Apesar de ideologicamente ter opção republicana, a que se manteve sempre fiel, António Patrício, denuncia uma tendência aristocrática no seu feito artístico, requintadamente voluptuoso e auto-afirmativo.

Colaborador de diversas publicações, deixa presença bem marcada nas revistas: Limia, Atlântida e Águia.

Através desta última, liga-se ao movimento saudosista.

Escritor de transição do simbolismo e do decadentismo para o modernismo de Orpheu, foi sobretudo influenciado pelo vitalismo cósmico e pelo niilismo de Nietzsche, bem como pelo dramatismo estático de Maeterlinck.

Realçou os termos da morte e do erotismo, fundidos na apreensão da "pureza" do instante: — "Para viver puro é preciso durar como as espumas: um instante" (Serão Inquieto).

Perpassa, com efeito, na sua obra, um sopro de heroísmo terreno, nietzchiano, mas cuja passagem pelo simbolismo e pelo saudosismo também deixou profundas marcas.

Foi um dos escritores portugueses mais notáveis no seu tempo. A sua obra, por vezes iluminada pelo clarão de um génio, surge noutros momentos desigual e sem solidez de equilíbrio, ainda que toda ela de uma densidade poética extraordinária, abundante em furos cinzelados, além de profundamente original.

As suas fábulas trágicas, nunca representadas nos nossos palcos, se encontrassem um realizador à altura do seu valor, poderiam encontrar talvez, um lugar cimeiro, único, no nosso teatro, distanciado na época é certo, mas de igual altura ao que Garrett deixou na sequência de Gil Vicente.

Obras: *Estreia-se em 1905 com um livro de versos O Oceano.*

Em 1909 prevendo a queda da monarquia oferece-nos um trabalho de prosa e poesia O Fim.

Como contista é-nos apresentado nos seus belos contos compilados em edição de 1910 com o título Serão Inquieto.

No seu livro datado de 1919 Dinis e Isabel, (a que deu o sub-título Conto da Primavera) coloca o dilema carne-espírito num belo poema dramático.

Já um ano antes publicara um drama em quatro actos Pedro o Cru, que representa na sua obra a saudade do amor que a morte frustrou.

Publica em 1924 uma fábula trágica que intitulou D. João e a Máscara.

Projectara um drama histórico a que daria o título de Afonso Domingues, um romance Teodora, Imperatriz de Bizâncio e a tragédia O Rei de Sempre.

Desta variada existência itinerante deixa um roteiro poético, colecção de paisagens que foram cenário de inebriadas sensações estéticas e amorosas, através da evocação e da saudade — nas Poesias, editadas após a sua morte, no ano de 1942.

BIBLIOGRAFIA — Dicionário de Literatura Portuguesa, grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira e História Ilustrada das grandes Literaturas — Literatura Portuguesa.

DRAMATIS PERSONÆ

PEDRO O CRŪ, Rei de Portugal
O INFANTE D. João, seu filho
AFFONSO MADEIRA, escudeiro valido
PERO COELHO
ALVARO GONÇALVES
MARTIM, o bôbo
UM PASTOR VELHO
UM ESCUDEIRO
O CORREGEDOR
O ASTROLOGO
O BISPO DE COIMBRA
O BISPO DA GUARDA
O PRIOR DE ALCOBAÇA
O FRADE VELHO
MESTRE ANTONIC, o imaginário
A ABBADESSA DE SANTA CLARA DE COIMBRA
PRIMEIRA FREIRA
SEGUNDA FREIRA
A IRMÃ PORTEIRA
A FREIRA VELHA.

Fidalgos e donas, pagens, arautos, frades e freiras, mendigos, moços de monte, etc.

O primeiro acto e o segundo em Coimbra, o terceiro n'uma aldeia entre Coimbra e Alcobaca, o quarto, em Alcobaca. Século XIV.

ACTO PRIMEIRO

O Paço de Coimbra. Noite. Uma sala de abobada alta e fria. As tapeçarias das paredes estão comidas de sol, em gammas mortas. Ao fundo, duas janellas de poiaes de pedra. Os vitraes dormitam na penumbra. A lareira sem lume, entre as janellas, tem ramos frescos de choupo e de salgueiro, que só podem aquecer num serão de almas. De cada lado, em argolas de ferro, arde um tocheiro. Á esquerda, uma porta exterior, larga e baixa. Á direita, uma porta interior. A sala não tem móveis: uma nudez de desconforto, lúgubre. Só ao pé da lareira ha um escano rude, e esquecida no chão, uma viola.

Na scena, um instante em silencio, estão dois pagens.

PRIMEIRO PAGEM.

— Ha mais de uma hora que El-Rei anda na folgança.

SEGUNDO PAGEM.

— Ouvem-se ao longe, as longas. Ouves? (Vae à

janella. Escuta.) Ainda ha pouco, vi reflexos de archotes no Mondego. Agora não se veem...

PRIMEIRO PAGEM.

— El-Rei, estas noites, tarda mais, não tem descanso. Baila, baila, e com elle o povo todo. Nunca foi dado ao sono, mas agora parece querer afugental-o.

SEGUNDO PAGEM.

— E logo ao romper d'alva, montaria. Toda a côrte anda inquieta, estremunhada...

PRIMEIRO PAGEM.

— Sabes o que se diz?

SEGUNDO PAGEM.

— Eu sei... eu sei...

PRIMEIRO PAGEM.

— E será certo?...

SEGUNDO PAGEM.

— Por o que vejo... Parece... Ainda esta madrugada, foram esculcas por todos os caminhos. A avença com o Rei de Castella...

PRIMEIRO PAGEM, interrompendo.

— Acreditas então que El-Rei perjure...

SEGUNDO PAGEM.

— São estes os rumores. Eu por mim...

PRIMEIRO PAGEM.

— Eu não. Não posso crer. El-Rei jurou, ainda infante, perdoar-lhes. Ouves bem? Jurou, jurou a seu pae, ao Rei Affonso.

SEGUNDO PAGEM.

— Shut! Shut!... Eu por mim, não sei, não digo nada...

Vae espreitar ás janellas, o outro segue-o.

SEGUNDO PAGEM.

— Já não vejo os archotes...

PRIMEIRO PAGEM.

— Nem eu.

SEGUNDO PAGEM, depois de uma pausa.

— Onde irá agora a folgança?... Ouves?...

PRIMEIRO PAGEM.

— Eu não. Não oiço nada.

SEGUNDO PAGEM, mais baixo.

— El-Rei é pae. Todo o povo o diz. El-Rei é pae... Mas já viste alguma vez que perdoasse?... A quem, vá, dize, a quem?...

PRIMEIRO PAGEM.

— El-Rei é bom, mas justiceiro.

SEGUNDO PAGEM.

— El-Rei é pae, mas duro no castigo. Vê tu o bispo, por dormir com uma mulher casada. Quando El-Rei soube, mandou-o chamar, fechou-se com elle n'uma câmara, e ali mesmo o desvestiu e açoitou, forçando-o a confessar o malefício.

PRIMEIRO PAGEM.

— Foi justo, acho eu, foi de justiça.

SEGUNDO PAGEM.

— E acreditas que El-Rei, El-Rei que é assim com

grandes e pequenos, vá perdoar aos matadores de Inez de Castro, d'aquella que elle amou como nenhuma...

PRIMEIRO PAGEM.

— Se jurou a seu pae... Que queres que faça?...

SEGUNDO PAGEM.

— Pouco durará quem o não vir.

PRIMEIRO PAGEM.

— Sou eu que não duro se esta vida continua. El-Rei gostou sempre de andar de paço em paço. Mas agora é de mais. Não pára nunca. E estas salas, não sei que teem, poem-me tristonho. Quasi todas vazias, sem conchego. Nem allí na lareira ha boa lenha. (Apontando) Vês?... Ramos de choupo e de salgueiro, cortados de manhã, ainda com folhas... Que quer isto dizer? Tu sabes?... E a viola de Affonso allí no chão... (Outro tom) Se me deixassem!... Queria dormir, dormir dias sem conto.

SEGUNDO PAGEM.

— E logo ao romper d'alva, montaria...

Ouvem-se distintamente as longas, num sonido de prata e de saudade.

PRIMEIRO PAGEM.

— Ouves as longas? É elle. Vem já perto.

SEGUNDO PAGEM, entrando a correr pela direita.

— Lá veem, lá veem. Veem a descer a rua, El-Rei á frente. Baila de roda, baila, baila sempre...

Ouvem-se de novo as longas. Vão a correr ás janellas. Reflexos de archotes acordam os vitraes Vozearia.

VOZES, fóra.

— Viva El-Rei! Viva El-Rei! El-Rei é pae.

A VOZ DE PEDRO.

— Que entrem! Bailei sem descançar. Não pude ouvir-os.

Pela direita, entram dois pagens com archotes; e entre gente da côrte abrindo alas, Pedro, Affonso Madeira, turba vária: moços de monte e pastores, mendigos mesmo. Pedro é alto e ruivo, espadado, — uma esvelteza forte de Monteiro. Tem uma barba «de rio», acobreada, feições afiladas, em arestas, e nos olhos castanhos, muito claros, o olhar ou é vago, quasi de aura, ou é dominador, de juiz e rei. Traz suspenso da cinta um azorrague. Deixa-se cahir no escano, extenuado.

PEDRO, olhando em torno.

— É tarde. Vá! Quem quer justiça?

UM VELHO. É um pastor, vestido de estamena esfarrapada.

— Eu, meu senhor.

Cae aos pés de Pedro, de joelhos.

PEDRO.

— Que tens tu? Estás meio morto de cansaço, velho.

O VELHO.

— Vim tambem na folgança, meu senhor, e ia sempre a bailar com a morte na alma. Mas como vós me ouvís, estou já contente.

PEDRO.

— Levanta-te e dize. Conta ao que vieste.

O VELHO, aos haustos, como se a comoção o estrangulasse.

— Já, meu senhor. Pois foi assim. Eu era cabreiro. Vivia no monte com a minha filha e as minhas cabras. Passavamos por lá o anno todo. Viviamos com Deus...

muito felizes. Só trez vezes desciamos á aldeia . . . No Natal . . . na Paschoa e pelo verão, na festa da Aparecida, que é em Agosto . . . Foi lá que António o Cantador viu minha filha. Cantou no adro lóas à Senhora, mas cantava-as com os olhos postos n'ella . . . Foi assim que a perdeu . . . que a enfeitiçou . . . Nunca mais soceguei desde esse dia. De mez a mez, porfim cada semana, António o Cantador subia ao monte. Ao ouvir-lhe as trovas, ella vinha aos atalhos ter com elle. E o que tinha de succeder, lá succedeu . . . Um entardecer, ao entrar, não achei ninguém. Elle viera por ella. Fiquei só. Vivi no monte aquelle inverno ralado de saudade a mai-las cabras . . . Mas foi pelo Natal, no povoado, que eu vi bem a desgraça, cara a cara . . .

PEDRO.

— Anda . . . dize depressa.

O VELHO.

— António o Cantador cantava trovas a outra . . . já a esquecera. E sósinha no mundo — a minha filha! — dava-se aos vagabundos nos caminhos . . .

PEDRO. Levanta-se: uma mão contracturada no azorrague.

— E onde é a tua aldeia? . . .

O VELHO.

— É na Mortagua. (Erguendo as mãos) Por Deus, meu senhor, ouvi ainda . . . Um gafo que fugiu da gafaria roussou-a e apegou-lhe o mal . . . A minha filha agora é uma chaga . . . E era a benção de Deus feita mulher! . . . Faz-me medo — a mim que a trouxe ao collo . . . Não tem dedos nos pés . . . Caminha em côtos. Voltou assim á aldeia e apedrejaram-na. E quando

eu a conheci — foi por a voz — entre os malvados, a atirar-lhe pedras, lá estava elle, o Cantador maldito, (Rompe em soluços) a apontar-me com chascos e a rir-se . . . de mim e d'ella . . . a rir . . . a rir-se d'ella . . . E com uma voz de cortar o coração, ella chamava-o ainda pelo nome . . .

PEDRO, com a voz presa, um rir feroz.

— Hé! . . . Hé! . . . Prepara alviçaras. Palavra do teu Rei. Está socegado. Eu mesmo hei-de encontrar-o . . . e hei-de levar-to d'uma galopada, amarrado á cauda da minha egua . . . (O velho ajoelha, beija-lhe as mãos.) Sim . . . Sim . . . Prepara alviçaras. Foi com trovas que enfeitiçou a tua filha? . . . Descança. Hemos de cortar-lhe a lingua rente . . . a vêr como elle grunhe, o Cantador! . . . (Levanta o velho pelos hombros. Junto d'elle.) Descança, descança. Seremos ambos nós os seus carrascos.

O VELHO, lavado em lágrimas, sorrindo.

— El-Rei é pae . . . El-Rei é pae . . .

PEDRO.

— Podes ir em paz. Vae socegado. (Ao corregedor) Ouviste? . . . Não é agora tempo. Fallaremos. Tu mesmo amanhã me lembrarás. (A turba sae. Ficam alguns da côrte.) Já tendes poucas horas para dormir. Ide, ide todos. Até que as trompas chamem. Dormi bem. Quero-vos ver como falcões, no monte.

Ficam Affonso e Pedro. Os outros saem.

AFFONSO, depois de olhar Pedro alguns instantes.

— Se dormisseis um pouco, meu senhor?

PEDRO.

— Quero antes ouvir-te. Abre a janella e trova, trova muito. Aqui ninguem nos ouve. Faz-me bem.

Estende-se no escano, fica immovel. Affonso abre a janella, ergue a viola, e deita-se no chão aos pés de Pedro. Entra uma aragem, como um gesto da noite adormecida.

AFFONSO, a meia voz, ferindo as cordas.

*Sou teu, tu és minha,
Quem morre não parte;
Nem Deus nem a Morte
Puderam levar-te.*

PEDRO, depois de um silencio.

— Como tu me fallas d'Ella, Affonso! . . . Só a tua voz e os olhos dos meus galgos, nas manhãs de montaria, ao luzir d'alva, vem fallar-me d'Inez, do meu amor. . . Na tua voz há echos da voz d'Ella. . . nos olhos d'elles, — não sei quê do seu olhar. . . Sobretudo na tua voz, e n'essa trova. . . Vá. Canta-m'a outra vez, a mesma, Affonso.

Affonso diz a trova em voz mais lenta.

PEDRO.

— *Nem a Morte*. . . Dizes bem, Affonso. *Nem a Morte*. . . (Fixando-o) Vou dizer-te um segredo pra te mostrar uma vez mais, como te quero. Ninguem o sabe. Só Ella e Deus, Affonso. Ninguem mais. (Febilmente) Tu sabes porque não durmo ha já seis noites, saio a bailar mais triste que a tristeza, e não deixo dormir os meus falcoeiros para correr montes em batidas doidas? . . . (Affonso diz que sim n'um aceno mudo.

Pedro passa-lhe a mão por os cabellos.) Tu conheces-me, Affonso. Tu sabes que é bem outra a minha caça, e ha muitos annos já, ha muitos annos. . .

AFFONSO, tristemente.

— E então, meu senhor, ha boas novas?

PEDRO.

— Firmei pela calada, com El-Rei de Castella, meu sobrinho, a avença que tu sabes. Está cumprida. Um escambo só, e serão meus. Já mesmo o são: não tardam. Tu verás. Os que fugiram de Castella estão entregues. Os meus vem a caminho: tu verás. Dei sentença de traição contra elles, como reus contra mim e o meu estado. Ha esculcas por todos os caminhos. Vem avisar-me logo que os avistem. E veem ahi, Affonso. . . Hein! Boa traça. . .

Affonso, inquietamente, queda a olhal-o.

PEDRO.

— Tu calas-te! . . . Falla. Sabes como te quero. Não tens nada a temer. Dize. . . sê franco.

AFFONSO.

— Tenho medo. Medo que m'o não perdoeis. . .

PEDRO.

— Falla confiadamente. Tu conheces-me. (Com ternura) Dize: dize,— que eu adivinho bem o que tu pensas. . .

AFFONSO.

— Então perdoai, senhor. A quando Infante, não fizestes accordo com El-Rei, com El-Rei vosso pae, de perdoar aos matadores de D. Inez? . . . E agora, depois de juramentos e promesas, não cumpris, meu senhor. . . não. . .

Pára hesitante.